



Sustentabilidade social no esporte: a evolução das salas inclusivas nos estádios brasileiros

Social sustainability in sport: the evolution of inclusive rooms in Brazilian stadiums

Nicolas Duprat, Mestrando, Universidade Feevale.

nicolas.duprat@outlook.com

Ítalo José de Meideiros Dantas, Doutorando, Universidade Feevale.

italodantasdesign@hotmail.com

Marcelo Curth, Doutor, Universidade Feevale.

marcelocurt@feevale.br

Regina de Oliveira Heidrich, Doutora, Universidade Feevale.

rheidrich@feevale.br

Alanys Guterres Santos, Graduanda, Universidade Feevale.

aguterresnt@gmail.com

Número da sessão temática da submissão – 4A

Resumo

A inclusão social nos ambientes esportivos tem se consolidado como um tema de grande relevância no debate sobre acessibilidade e sustentabilidade. No Brasil, a implementação de salas inclusivas em estádios de futebol tem proporcionado que torcedores com autismo possam vivenciar a experiência esportiva de maneira adaptada às suas necessidades sensoriais. Este estudo tem como objetivo mapear e analisar a implementação dessas salas nos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, destacando seus impactos na inclusão de torcedores neurodiversos. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise documental e investigação das redes sociais das torcidas organizadas compostas por torcedores com autismo. Os resultados indicam um avanço significativo na disponibilização de espaços inclusivos, embora a ausência de padronização e a insuficiência de informações configurem desafios que demandam intervenção e aprimoramento. O estudo reforça a necessidade da criação de regulamentações e políticas públicas que assegurem a sustentabilidade dessas iniciativas no cenário esportivo nacional.

Palavras-chave: Inclusão; Neurodiversidade; Futebol.

Abstract



Social inclusion in sports environments has become a highly relevant topic in discussions on accessibility and sustainability. In Brazil, the implementation of inclusive rooms in football stadiums has enabled fans with autism to experience sporting events in a way that accommodates their sensory needs. This study aims to map and analyze the implementation of these rooms in clubs of the Brazilian Serie A Championship, highlighting their impacts on the inclusion of neurodiverse fans. Methodologically, the research is based on a literature review, document analysis, and an investigation of the social media presence of organized fan groups composed of supporters with autism. The results indicate significant progress in the availability of inclusive spaces, although the lack of standardization and insufficient information pose challenges that require intervention and improvement. The study underscores the need for regulations and public policies to ensure the sustainability of these initiatives in the national sports landscape.

Keywords: *Inclusion; Neurodiversity; Football.*

1. Introdução

O futebol é o esporte mais consumido do Brasil, com uma audiência televisiva que atinge milhares de lares brasileiros e desloca milhões de brasileiros aos estádios nos dias de jogos para apoiar seus clubes. A popularidade do futebol foi construída ao longo das décadas, influenciada pelas mudanças nos meios de comunicação, como a chegada do rádio e televisão no território nacional, além da utilização política do esporte por diversos governos brasileiros (Sanfelice, 2018).

Os governantes brasileiros utilizaram o futebol como instrumento para a construção da identidade nacional brasileira, principalmente durante os mandatos do presidente Getúlio Vargas e no período antidemocrático da ditadura militar. Neste contexto, a Seleção Brasileira ao conquistar três Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970), consolidou-se como o maior símbolo do patriotismo brasileiro, elevando o país ao reconhecimento internacional como a “pátria das chuteiras” (Pimenta, 1997; Guterman, 2014). No entanto, apesar do cenário favorável de popularização e aglutinação do futebol pela sociedade brasileira, somente nas últimas duas décadas iniciou-se o debate sobre inclusão das pessoas com deficiência nos estádios brasileiros os quais foram construídos sem nenhum padrão de acessibilidade.

Em vista disso, os primeiros debates sobre acessibilidade limitaram-se aos torcedores que utilizavam cadeiras de rodas ou apresentavam mobilidade reduzida, por meio de mudanças solicitadas pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) aos estádios brasileiros que sediaram a Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil. Entretanto, nenhuma das solicitações da entidade organizadora do evento contemplou outras deficiências, excluindo-as dos projetos de reforma e adequação, incluindo os torcedores neurodiversos, em especial aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Neste contexto, o objetivo da pesquisa é mapear e analisar a implementação das salas inclusivas destinadas aos torcedores com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em estádios brasileiros, com foco nos clubes que participaram da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2023. Busca-se investigar os avanços alcançados no âmbito da inclusão, bem como identificar as demandas necessárias para assegurar a sustentabilidade dessas iniciativas no cenário esportivo nacional.

2. Debates sobre inclusão futebol brasileiro: o início



No Brasil, as primeiras legislações voltadas à garantia de direitos para pessoas com deficiência surgiram na década de 1990, destacando-se a Lei nº 914/1993 (Brasil, 1993), que estabelecia diretrizes para a implementação da Política Nacional para a Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência. Contudo, essa legislação foi revogada em 1999, em um contexto em que o debate sobre inclusão avançava e demandava reformulações no planejamento político de atuação com essa parcela da sociedade brasileira.

De forma tardia, a primeira legislação relacionada ao futebol que mencionava a participação dos torcedores com deficiência surgiu apenas em 2003, com a Lei nº 10.617/2003, popularmente conhecida como Estatuto do Torcedor. Este documento, foi o primeiro a regulamentar os direitos e deveres das entidades organizadoras do futebol, dos clubes e dos torcedores (Brasil, 2003).

Apesar de sua relevância, o artigo 13, parágrafo único, do Estatuto, ao dispor que “será assegurada acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida”, não estabeleceu mecanismos práticos para garantir a efetiva participação desses torcedores (Brasil, 2003). O parágrafo, embora assegurasse a acessibilidade, mostrou-se vago e desconexo no contexto do documento, uma vez que não apresentou as diretrizes, regramentos ou normas específicas para a padronização e organização da acessibilidade nos estádios brasileiros.

A ausência de diretrizes claras e sistematizadas para garantir a acessibilidade nos estádios brasileiros persistiu até meados de 2012, com a aprovação Lei nº 12.663/2012, conhecida como Lei Geral da Copa. Essa legislação concedeu à FIFA poderes para organizar politicamente o futebol brasileiro de maneira abrangente, durante as obras e realização da Copa do Mundo FIFA de 2014 (Brasil, 2012).

No artigo 16 da Lei Geral da Copa, que regulamentava a venda e distribuição de ingressos do evento, estabeleceu-se a obrigatoriedade de destinar 1% do total de ingressos ofertados aos torcedores com deficiência e seus acompanhantes (Brasil, 2012). Como resultado dessa mudança legislativa, os 12 estádios que sediaram jogos da Copa do Mundo no Brasil construíram espaços adaptados para receber os torcedores que utilizavam cadeira de rodas ou apresentavam mobilidade reduzida, representando a primeira conquista concreta em termos de acessibilidade dentro dos estádios brasileiros.

Entretanto, os torcedores com autismo continuaram marginalizados pelas legislações vigentes, sem que houvesse espaços adequados para sua participação nos estádios do país. Somente em 2016 o debate sobre a inclusão de torcedores com Transtorno do Espectro Autista (TEA) começou a ganhar visibilidade nas mídias e na sociedade brasileira, impulsionado, em grande parte, pelo apoio do ator e apresentador Marcos Mion.

3. Surgimento da primeira sala inclusiva e os torcedores com autismo no futebol brasileiro

O apresentador Marcos Mion sempre foi um defensor dos direitos das pessoas com autismo, engajando-se ativamente em movimentos de reivindicação política pelos direitos dessa população, em razão de ter um filho no espectro, Romeo Mion, levando-o a se engajar cada vez mais com as movimentações de reivindicação política pelos direitos da população com TEA (Carneiro, 2019). Aliado à sua luta pela inclusão, o apresentador e torcedor do Sport Club Corinthians Paulista, relata que ainda não havia levado seu filho à Neo Química Arena, devido ao receio de que ele pudesse sofrer uma sobrecarga sensorial, ocasionada pelo excesso de barulho da torcida e pelo grande fluxo de pessoas no estádio.



Neste contexto, em 2018, o apresentador, passou a utilizar suas redes sociais para instigar a necessidade de os clubes criarem espaços destinados a torcedores neurodiversos, com adaptações que garantissem conforto sensorial e de movimentação, por meio da implementação de salas inclusivas. Seus conteúdos alcançaram milhares de pessoas nas redes sociais, atraindo o interesse de marcas e parceiros dispostos a apoiar a criação desses espaços (Carneiro, 2019).

Em 2019, o Sport Club Corinthians Paulista e o apresentador Marcos Mion anunciaram uma parceria para a construção da primeira sala inclusiva em um estádio de futebol no Brasil. O apresentador reforçou a importância da iniciativa, afirmando:

Autistas corintianos que já frequentam estádio agora terão direito às suas prioridades, e tantos outros que não trazem os filhos por tantos motivos que a gente da comunidade sabe quais são, seja pelo barulho, por causa da dificuldade de chegar e tudo mais, isso tudo vai ser resolvido e a partir de agora a gente vai trabalhar para que os corintianos consigam vir aqui desfrutar do jogo com seus filhos autistas e os corintianos autistas serem representados (Carneiro, 2019).

A parceria estabelecida com o Corinthians tinha como principal finalidade adaptar alguns camarotes do estádio Neo Química Arena, com isolamento acústico, entrada individualizada e prioritária para torcedores autistas que já frequentavam os jogos, além de atrair novos torcedores (Carneiro, 2019). A maioria das famílias que ainda não frequentavam os jogos tinha receio da sobrecarga sensorial que os integrantes no espectro poderiam experimentar, mas com a sala inclusiva esse panorama começou a se modificar.

Em novembro de 2019, poucos meses após o anúncio da parceria entre o clube e o apresentador, o Espaço TEA, como foi intitulada a sala inclusiva da Neo Química Arena, foi inaugurado, oportunizando o acesso de torcedores com autismo e demais torcedores neurodiversos. Localizado no camarote do setor oeste superior do estádio, o espaço foi projetado com capacidade máxima para 160 pessoas, incluindo os torcedores com autismo e seus acompanhantes, com o limite de até três acompanhantes por torcedor.

Vale ressaltar que, junto à inauguração do Espaço TEA, o Corinthians apresentou uma política de preços dos ingressos e aquisição de ingressos que ultrapassou o limite de desconto estabelecido pela Lei nº 12.933/2013 (Brasil, 2014), conhecida como Lei da Meia Entrada, que garante o desconto de 50% no valor dos ingressos para pessoas com deficiência em eventos culturais e esportivos.

A política de ingressos para torcedores com autismo e seus acompanhantes, implementada pelo Corinthians, estabeleceu a necessidade de cadastro prévio no site do clube para a aquisição de ingressos. Os torcedores no espectro passaram a ter direito à gratuidade mediante a apresentação da Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), emitida por entidades públicas. Os acompanhantes, por sua vez, que não eram beneficiados pela legislação por descontos conforme vigente no Brasil, no caso do Corinthians, passaram a ter acesso a 50% de desconto no valor dos ingressos.

Após a inauguração, a demanda por ingressos para o Espaço TEA cresceu rapidamente, com famílias levando seus filhos e parentes no espectro para o estádio pela primeira vez, consolidando um movimento consistente de procura pela sala inclusiva. Por consequência, os torcedores no espectro relataram maior conforto e autonomia ao frequentar os jogos no espaço adaptado, e posteriormente, alguns torcedores passaram a migrar para a arquibancada, junto aos demais torcedores, com o auxílio de abafadores de ruídos.

O sentimento de autonomia entre os torcedores com autismo foi se firmando pelo convívio com outros torcedores neurodiversos, gerando um movimento de solidariedade coletiva, levando os torcedores a fundarem a primeira torcida autista do futebol brasileiro, a Autistas Alvinegros, em abril de 2022 (Faraldo; Consoli, 2022).



Sob o lema do “respeito, igualdade e inclusão”, a Autistas Alvinegros reúne pessoas no espectro autista e seus familiares, viabilizando um movimento de diálogo entre os torcedores e o Corinthians. Atualmente, a torcida está presente em todos os jogos do clube, tanto nas arquibancadas quanto na sala inclusiva do estádio.

Em decorrência da movimentação dos torcedores e da inauguração da primeira sala inclusiva em estádio de futebol no Brasil, os torcedores de outros clubes brasileiros começaram a se organizar, consolidando uma rede de torcidas autistas no país, que posteriormente, resultou na construção de salas inclusivas nos estádios de seus respectivos clubes.

4. Expansão das salas inclusivas: Copa do Mundo do Catar e a falta de informações

Nos últimos anos, o número de clubes com salas inclusivas e torcidas autistas cresceu exponencialmente, refletindo o aumento da inclusão social no futebol brasileiro. Esse crescimento ocorreu devido a diversos fatores, dentre os quais três se destacam como centrais: o aumento da autonomia e participação dos torcedores autistas na organização das torcidas e dos clubes; a realização da primeira Copa do Mundo com salas inclusivas em estádios; e o interesse financeiro e social dos clubes em relação a esses espaços adaptados.

A partir da implementação da primeira sala inclusiva no estádio corintiano, a sensação de autonomia entre os torcedores incentivou a criação de torcidas semelhantes em outros clubes. Esse movimento resultou no aumento significativo das torcidas autistas a partir de 2022, refletindo na expansão das salas inclusivas entre 2023 e 2024.

Com o crescimento das torcidas autistas, formou-se uma rede de diálogo entre esses grupos, utilizando redes sociais, especialmente o Instagram e o WhatsApp, para divulgar suas atividades, auxiliar na recepção dos novos torcedores e organizar iniciativas em defesa dos direitos da comunidade autista dentro e fora do estádio. Segundo Fiaux e Pereira (2024), as redes sociais instituíram-se como ferramentas importantes na democratização da participação entre as torcidas autistas, mas ainda se faz necessário identificar as torcidas e como se formam as redes de apoio entre elas.

A partir das primeiras conversas com as torcidas autistas do Rio de Janeiro, identificamos motivações que sinalizam o quanto as torcidas são mais próximas do que rivais, numa parceria dentro e fora do estádio. Quando a pauta é inclusão, percebe-se que as torcidas assumem, coletivamente, protagonismo nessa luta. Todos apontaram a mesma origem para mobilização: a inclusão de filhos nas torcidas de seus times (Pereira; Fiaux, 2024).

Nesse contexto, é perceptível que a mobilização das torcidas autistas ultrapassou, por exemplo, as redes de apoio das torcidas organizadas, que não costumam estabelecer qualquer diálogo com as torcidas rivais. Em contrapartida, a pauta da inclusão dos torcedores com autismo consolidou-se como um movimento autônomo, que tem suas próprias regras e formas de organização, conquistando o respeito das demais torcidas de seus clubes, dos clubes rivais e das diretorias, que reconhecem a importância da inclusão.

Em 2022, a realização da Copa do Mundo FIFA no Catar marcou o avanço na inclusão da neurodiversidade dentro do estádio, uma vez que foi o primeiro megaevento esportivo realizado pela entidade máxima do esporte a contar com salas inclusivas. Dos 8 estádios construídos no Catar, os estádios Al Bayt e Education City, que receberam jogos da primeira fase até a semifinal do evento, e o Lusail Iconic, palco do jogo final, dispunham de salas para torcedores no espectro (Estadão, 2022).



Esse momento de crescimento das torcidas autistas e aumento gradativo das salas inclusivas, impulsionada pela organização dos próprios torcedores, com influência da realização da Copa do Mundo FIFA no Catar, que contou com salas inclusivas, demonstrou seu potencial de replicação em território brasileiro.

No entanto, apesar dos avanços inclusivos, a falta de informações sobre as torcidas autistas, os procedimentos de compra de ingressos e o cadastramento para acesso às salas inclusivas persiste, com pouca divulgação por parte dos clubes. A falta de organização das informações pode ser entendida como a principal dificuldade no avanço da ampliação do acesso a novos públicos. Diante disso, apresentaremos a seguir um relatório com dados sobre as torcidas autistas e as salas inclusivas dos 20 clubes participantes da Série A do Campeonato Brasileiro de 2023. O objetivo é facilitar o acesso às informações, contribuir para a divulgação e visibilidade do trabalho desenvolvido pelas torcidas e clubes, refletindo sobre a necessidade de leis que padronizem as salas inclusivas e as informações de acesso em âmbito nacional, garantindo sustentabilidade e organização para o futuro desses espaços.

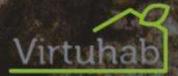
5. Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em um estudo de caso exploratório das salas inclusivas e torcidas autistas do futebol brasileiro, com foco no mapeamento das informações de acesso, organização e compra de ingressos dos torcedores com autismo (Gil, 2008; Yin, 2015). A metodologia foi estruturada em três etapas principais: revisão bibliográfica, análise das redes sociais das torcidas autistas e análise documental. Especificamente, propõe-se:

Etapa 1. Revisão bibliográfica, que procurou identificar o estado da arte em temas relacionados às salas inclusivas e torcidas autistas no Brasil, seus processos de organização e de reivindicação por espaços inclusivos nos estádios. Utilizou-se na consulta artigos científicos e relatórios de instituições com atuação na defesa dos direitos da população com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesta etapa, procurou-se situar o caso estudado no contexto das transformações do futebol nacional e mundial, com foco na inclusão das pessoas com deficiência, estabelecendo uma base teórica sólida para a análise.

Etapa 2. Análise das redes sociais (ARS), método analítico utilizado pelas ciências humanas e sociais, que visa estabelecer o diálogo entre a participação dos indivíduos na vida social em relação a sua atuação nas redes sociais (Silva; Saragoça, 2013, Silva; Ramos, David, Vieira, 2021). Compreendendo as redes sociais como a principal ferramenta de diálogo e organização das torcidas autistas, sobretudo o Instagram e o WhatsApp, realizou-se o mapeamento de todas as torcidas autistas com atividades permanentes, no cenário dos 20 clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2023. Ao identificar essas torcidas, buscou-se compreender a potencialidade da organização dos torcedores autistas no contexto brasileiro, reconhecendo o papel significativo na inclusão social. Paralelamente, analisaram-se as dificuldades relacionadas ao processo de aquisição dos ingressos, elaborando uma tabela de dados e informações relevantes para a análise.

Etapa 3. Análise documental utilizando notícias vinculadas sobre a temática nos últimos 10 anos, as legislações nacionais vigentes que descrevem os direitos das pessoas no Transtorno do Espectro Autista (TEA), além dos projetos de leis em tramitação no legislativo brasileiro, relacionados a temática das salas inclusivas e torcidas autistas. Através dos buscadores do Google, utilizaram-se os termos “torcidas autistas”, “salas inclusivas” e “neurodiversidade”, com a finalidade de encontrar notícias sobre o tema. A partir desta etapa metodológica, descreveu-se a linha do tempo da organização das torcidas autistas, bem como a possibilidade de verificar a atuação do Poder Público em relação ao assunto. Ainda se facilitou a construção



teórica dos avanços possíveis e necessários em relação a legislação, a padronização dos espaços inclusivos e a organização dos eventos esportivos, que visem a inclusão social das pessoas com deficiência, possibilitando a sustentabilidade dos projetos no complexo contexto de transformações do futebol brasileiro.

6. Resultados

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido pelo Ministério da Saúde como a alteração das funções do neurodesenvolvimento, com possíveis interferências nas relações sociais, de comunicação, linguagem, entre outras. O reconhecimento das alterações neurais, convencionada pela medicina e sociedade, faz com que as pessoas com autismo sejam reconhecidas como neuroatípicas (Pereira; Fiaux, 2024).

Segundo o Instituto Inclusão Brasil (2021), a termologia neuroatípica, está relacionada com o termo neurotípico, que descreve as pessoas com desenvolvimento ou funcionamento neural considerado típico, ou seja, que foi convencionado pela sociedade e medicina como o “funcionamento correto”. Deste modo, o reconhecimento das pessoas com autismo pela nomenclatura utilizada pela medicina, por vezes não é bem aceita pelos próprios autistas, que gostam de serem reconhecidos para além da própria deficiência, utilizando cada vez mais a neurodiversidade para se descreverem.

No contexto das torcidas autistas, em suas redes sociais fica manifesto a utilização da neurodiversidade para reconhecimento próprio, visto que, ela referencia um grupo maior de diferenças neurais, que englobam, entre outras, o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a depressão e a esquizofrenia.

Desta forma, ao analisar as redes sociais das torcidas autistas, autodenominadas como neurodiversas, que buscam ultrapassar a concepção estritamente médica, visando ao reconhecimento de suas dificuldades, mas exaltando as suas potencialidades, de modo a criar um sentimento de autonomia, fica evidente a tentativa de reconhecer o autismo apenas como mais uma diferença dentro da diversidade cultural e neural da sociedade, e não somente como uma condição no campo da deficiência.

Neste cenário, ao analisarmos as redes sociais das torcidas autistas, constatou-se que a organização e divulgação das atividades são, em sua maioria, realizadas por meio do Instagram e WhatsApp, criando uma rede de comunicação sólida que vem conquistando espaço no cenário futebolístico. Segundo Fiaux e Pereira (2024), em sua análise sobre a Autistas da Colina, torcida organizada do Vasco da Gama do Rio de Janeiro, evidenciou-se:

É fundamental apontar que toda a mobilização pela conquista do espaço em São Januário, bem como a disponibilização daquele espaço para torcedores neuroatípicos e, ainda, a organização do movimento de torcedores TEA de outros clubes do Rio de Janeiro se dão, preferencialmente, pela internet via redes sociais (Pereira; Fiaux, 2024).

Compreendendo a potencialidade das redes sociais para a organização das torcidas autistas e destacando sua relevância na divulgação do acesso as salas inclusivas existentes nos estádios, foram elaboradas duas tabelas com informações pertinentes sobre a presença de torcidas autistas e salas inclusivas entre os 20 clubes participantes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2023. A Tabela 1 identifica os estádios que contam ou não com salas inclusivas, além de apresentar as informações disponíveis nos sites dos clubes referentes à compra de ingressos e de acesso a esses espaços. Na Tabela 2, por sua vez, descreve todas as torcidas autistas existentes, suas respectivas redes sociais e a disponibilidade de canais de contato direto, com o objetivo de facilitar o acesso às informações necessárias para a

participação de torcedores neurodiversos interessados em integrar nas torcidas, presente no detalhado a seguir.

Tabela 1: Clubes, estádios e salas inclusivas

Clubes	Estádio	Capacidade e	Tem sala inclusiva ?	Capacidade da sala	Ano de construção da sala	Retirada do ingresso
Atlético - GO	Antônio Accioly	12.500	Não	-	-	-
Atlético - MG	Arena MRV	46.000	Não	-	-	-
Athlético - PR	Arena da Baixada	42.372	Não	-	-	-
Bahia	Arena Fonte Nova	48.902	Não	-	-	-
Botafogo	Nilton Santos	44.661	Sim	-	-	Físico
Bragantino	Nabi Abi Chedid	15.010	Não	-	-	-
Corinthians	Neo Química Arena	49.205	Sim	160 pessoas	2019	Online
Criciúma	Heriberto Hulse	19.225	Não	-	-	-
Cruzeiro	Minerão	61.927	Sim	14 pessoas	2024	Online
Cuiabá	Arena Pantanal	44.000	Não	-	-	-
Flamengo	Maracanã	78.838	Não	-	-	-
Fluminense	Maracanã	78.838	Não	-	-	-
Fortaleza	Arena Castelão	63.903	Não	-	-	-
Grêmio	Arena do Grêmio	55.396	Sim	40 pessoas	2024	Online
Juventude	Alfredo Jaconi	19.924	Sim	20 pessoas	2024	Físico
Internacional	Beira-Rio	50.842	Sim	16 pessoas	2023	Online
Palmeiras	Allianz Parque	43.713	Sim	24 pessoas	2024	Online
São Paulo	Morumbis	66.795	Sim	20 pessoas	2023	Online
Vasco	São Januário	21.880	Sim	12 pessoas	2024	Online
Vitória	Barradão	30.793	Não	-	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme evidenciado na Tabela 1, constatou-se que 45% dos estádios da primeira divisão do Campeonato Brasileiro possuem salas inclusivas, um percentual significativo quando comparado às cinco principais ligas do futebol mundial (Inglaterra, Itália, Alemanha, Espanha e França). Embora 96 clubes participem dessas ligas com diversos estádios, apenas de três apresentam salas inclusivas, sendo duas na Inglaterra e uma na Espanha.

No contexto global do esporte, o Brasil já pode ser considerado o país com o maior número de salas inclusivas em estádios de futebol e, conseqüentemente, o mais inclusivo para torcedores neurodiversos. Além das nove salas inclusivas nos estádios da primeira divisão, o futebol brasileiro conta com mais cinco salas em estádios de clubes das divisões inferiores, são eles: Estádio Couto Pereira (PR), Estádio do Café (PR), Estádio da Serrinha (GO), Estádio Mangueirão (PA) e Estádio Curuzu (PA).

Ao analisar a capacidade das salas inclusivas em relação à capacidade dos estádios, observa-se que a oferta de ingressos para os torcedores com autismo é reduzida, não atingindo 0,5% da capacidade total. Essa baixa oferta pode ser explicada pela ausência de legislação que padronize o acesso e a construção de salas inclusivas nos estádios, garantindo suporte jurídico ao público neurodiverso. Outra necessidade urgente é a fiscalização e avaliação arquitetônica da qualidade das salas inclusivas, que apresentam características distintas entre si.

Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, a prefeitura sancionou a Lei nº 10.926/2023 (RJ, 2023), que estabeleceu a obrigatoriedade de estádios, ginásios e arenas esportivas criarem



espaços reservados e adequados para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Conforme a legislação, as entidades esportivas tinham o prazo de 180 dias para implementar esses espaços, destinando 0,5% dos ingressos para pessoas com deficiências aos torcedores com autismo, além de garantir a gratuidade para os torcedores neurodiversos e um acompanhante, dos três permitidos pela lei.

No entanto, dos estádios localizados na cidade do Rio de Janeiro e listados na Tabela 1 – Estádio Nilton Santos, Estádio São Januário e Estádio Maracanã –, apenas dois possuem salas inclusivas, que foram inauguradas com mais de quatro meses de atraso. No caso do Maracanã, o maior estádio do Brasil, o consórcio responsável pela gestão do empreendimento, que inclui os clubes Flamengo e Fluminense, informou em abril de 2024 estar em processo de licitação para contratação da empresa responsável pela construção da sala inclusiva. Contudo, até o momento, as obras não foram iniciadas, e não existe previsão de conclusão.

Apesar da importância da legislação, a falta de fiscalização no cenário futebolístico carioca resultou na ausência de uma sala inclusiva no Maracanã. Ressalta-se que a lei não prevê penalidades ou multas para clubes e estádios que não cumprirem as determinações, criando um vácuo institucional que deixa os torcedores autistas dependentes da boa vontade dos clubes para garantir um espaço digno e confortável.

Em relação aos ingressos, verificou-se que todos os clubes cumprem a legislação que garante o desconto de 50% para os torcedores com autismo. No caso do Botafogo, não foi possível confirmar a gratuidade devido à falta de informações no site do clube. O cadastro para acesso às salas inclusivas é realizado de forma remota, por meio de aplicativo dos clubes ou via e-mail, com os ingressos sendo disponibilizados no mesmo formato. Exceções são o Juventude e o Botafogo, que exigem a retirada presencial de ingressos, seguindo o mesmo procedimento adotado para outras modalidades de meia-entrada. No entanto, essa exigência pode gerar sobrecarga sensorial para torcedores com autismo, considerando o grande fluxo de pessoas e o ruído constante nos dias de jogos.

Tabela 2: Torcidas Autistas

Clube	Nome da Torcida	Rede Social da Torcida	Possui canal direto de contato com a torcida? Qual?
Atlético - GO	-	-	-
Atlético - MG	Autistas do Galo	@autistas_do_galo	Sim – Grupo de WhatsApp
Athlético - PR	Autistas da Caveira	@autistasdacaveira_oficial	Sem informações
Bahia	Autistas de Aço	@autistasdeaco	Sem informações
Botafogo	Autistas Botafoguenses	@autistasbotafoguenses	Sim – Grupo de WhatsApp
Bragantino	Autistas Bragantinos	@autistasbragantinos	Sim – Grupo de WhatsApp
Corinthians	Autistas Alvinegros	@autistasalvinegros	Sim – Grupo de WhatsApp
Criciúma	Autistas Carvoeiros	@autistascarvoeiros	Sim – Grupo de WhatsApp
Cruzeiro	Autistas Cruzeiroenses	@autistascruzeirenses	Sim – Grupo de WhatsApp
Cuiabá	-	-	-
Flamengo	Autistas Rubro-Negros	@autistasrn	Sim – Grupo de WhatsApp e Telegram
Fluminense	Autistas Flu	@autistasflu	Sem informações
Fortaleza	Autistas Tricolores do Fortaleza	@autistastricoloresfec	Sem informações
Grêmio	Gremistas no Espectro	@gremistasnoespectro	Sem informações



Juventude	Jaconistas	@jaconistas	Sem informações
Internacional	Autistas Colorados	@autistascolorados	Sem informações
Palmeiras	Autistas Alviverdes	@autistasalviverdes	Sim – Grupo de WhatsApp
São Paulo	Sou Tricolor Autista	@soutricolorautista	Sim – Grupo de WhatsApp
Vasco	Autistas da Colina	@autistas_da_colina	Sim – Grupo de WhatsApp
Vitória	-	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme evidenciado na Tabela 2, constatou-se que 85% dos clubes possuem torcidas autistas, embora apenas 40% delas disponham de salas inclusivas nos estádios de seus respectivos clubes. Muitas dessas torcidas ainda estão em processo de reivindicação pela construção desses espaços. Nos estádios que não contam com salas inclusivas, as torcidas autistas cumprem papel fundamental na inclusão de torcedores neurodiversos, providenciando ações que visam o conforto sensorial, como a distribuição de abafadores sonoros, que reduzem o impacto do barulho e dos ruídos característicos dos estádios.

Durante a análise das redes sociais das torcidas autistas, evidenciou-se que a tradicional rivalidade entre as torcidas organizadas dos clubes não se aplica ao contexto das torcidas neurodiversas. Verificou-se a existência de diversas postagens compartilhadas em conjuntamente entre as torcidas, sob o lema "no autismo não existe rivalidade", demonstrando que a luta por inclusão das torcidas prevalece sobre as rivalidades clubísticas.

Os perfis das torcidas autistas no Instagram, na sua totalidade, somam com aproximadamente 125.500 seguidores. Este número é modesto quando comparado ao alcance das demais torcidas organizadas dos clubes, indicando que as atividades das torcidas autistas ainda estão restritas a pequenos grupos, compostos majoritariamente por torcedores neurodiversos e seus familiares. Essa limitação explica, em parte, o desconhecimento dos demais torcedores sobre a existência das salas inclusivas e das torcidas autistas. É importante destacar que, além da plataforma do Instagram, existem nove torcidas que disponibilizam links para grupos no WhatsApp, com a finalidade de compartilhar experiências, tirar dúvidas e organizar suas atividades.

7. Considerações Finais

O crescimento do número de salas inclusivas e torcidas autistas no Brasil é um fenômeno recente, com seu surgimento a partir de 2019 e expansão mais significativa nos últimos dois anos. No entanto, o cenário futebolístico brasileiro carece de legislações que regulamentem e padronizem os modelos arquitetônicos das salas inclusivas, os processos de aquisição de ingressos e avalie os serviços prestados nestes espaços, visando a sustentabilidade e à manutenção das conquistas alcançadas pelos torcedores com autismo.

Neste sentido, ao analisar a historicidade dos fatos, das reivindicações e organização das torcidas autistas na luta por espaços inclusivos dentro dos estádios, observa-se que a ausência de leis específicas e rigorosas relacionadas às salas inclusivas deixa os torcedores no espectro autista sem garantias legais para a manutenção desses espaços. As torcidas autistas, dependem, portanto, da compreensão e da boa vontade das diretorias dos clubes quanto à importância da inclusão social. embora o diálogo entre as partes possa variar conforme o entendimento das futuras gestões.

Ao sistematizar as informações sobre as salas inclusivas e torcidas autistas, constatou-se que o Brasil apresenta o maior avanço mundial no que se refere ao acesso de torcedores



neurodiversos nos estádios de futebol. Contudo, persistem dificuldades em encontrar informações detalhadas sobre os estádios e seus espaços inclusivos, bem como sobre o procedimento de aquisição dos ingressos, evidenciando a necessidade de atuação mais efetiva do Poder Público nesse assunto.

Relacionando-se à necessidade da regulamentação desses espaços, uma possibilidade de avanço é a aprovação do Projeto de Lei 545/2023, de autoria dos deputados federais Júlio César Ribeiro (DF) e Douglas Viegas (SP). O projeto estabelece a obrigatoriedade de salas inclusivas em todos os estádios brasileiros, com um prazo de 18 meses para as adaptações necessárias, a partir de sua eventual aprovação. O projeto está em avaliação pela Comissão de Educação desde fevereiro de 2024. Além disso, a legislação propõe que as salas inclusivas sigam padrões específicos de design inclusivo, disponíveis na legislação, contemplando, entre outros aspectos, iluminação ajustável, o conforto acústico e elementos interativos, proporcionando um ambiente propício para receber os torcedores no TEA (Brasil, 2023).

Diante desse cenário, antes de possíveis avanços legislativos, torna-se necessária a realização de pesquisas exploratórias com equipes interdisciplinares, que analisem com profundidade a experiência dos usuários das salas inclusivas. Essas pesquisas devem avaliar os padrões arquitetônicos, a qualidade dos profissionais designados pelos clubes para o atendimento ao público neurodiverso e, principalmente, estabelecer diretrizes que definam e regulamentem o que deve ser considerado como sala inclusiva no contexto esportivo.

Referências

BRASIL. Decreto nº 914, de 6 de setembro de 1993. Institui a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 set. 1993. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d0914.htm. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 mai. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.663, de 5 de junho de 2012. Altera a Lei nº 8.929, de 22 de agosto de 1994, e a Lei nº 12.690, de 9 de julho de 2012, para dispor sobre o esporte profissional e amador no Brasil e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 jun. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/L12663.htm. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.933, de 26 de dezembro de 2013. Dispõe sobre o pagamento de meia-entrada a estudantes, idosos e pessoas com deficiência em eventos culturais, esportivos e de lazer, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112933.htm. Acesso em: 11 fev. 2025.

BRASIL. Projeto de Lei nº 2.348, de 2023. Altera a Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023, para incluir medidas de apoio à pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Câmara dos Deputados, Brasília**, DF, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/E0U7p>. Acesso em: 11 fev. 2025.

CARNEIRO, G. Como Marcos Mion ajudará a tornar Arena Corinthians inclusiva para autistas. **UOL**, 31 ago. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/08/31/como-marcos-mion-ajudara-a-tornar-arena-corinthians-inclusiva-para-autistas.htm>. Acesso em: 11 fev. 2025.



ESTADÃO. Salas sensoriais nos estádios da Copa do Mundo ajudam na inclusão dos torcedores no Catar. **O Estado de S. Paulo**, 19 nov. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/0WwTi>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FARALDO, L.; CONSOLI, V. Eles juntaram Cássio e a torcida do Flamengo: a história dos autistas alvinegros. **Meu Timão**, 02 nov. 2022. Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/430700/eles-juntaram-cassio-e-a-torcida-do-flamengo-a-historia-da-autistas-alvinegros>. Acesso em: 11 fev. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PEREIRA, C. A. A.; FIAUX, K. C. S. **Movimento das torcidas autistas dos clubes de futebol do Rio de Janeiro**: o início da mobilização e organização. In: Intercom – Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação, 47., 2024, Univali. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024. p. 1-7.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas organizadas de futebol - violência e autoafirmação**: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

RIO DE JANEIRO. Lei nº 10.296, de 1º de fevereiro de 2024. Dispõe sobre a criação de espaços reservados e adaptados de integração sensorial para pessoas com Transtorno de Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e outras pessoas neurodiversas em estádios, arenas esportivas, shoppings centers, museus, teatros, cinemas, entre outros, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro. **Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/o84BN>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SANFELICE, G. R. **Processos midiáticos no campo esportivo**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, C. A.; FIALHO, J.; SARAGOÇA, J. Análise de redes sociais e Sociologia da ação. Pressupostos teórico-metodológicos. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 11, p. 91–106, 1 jun. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/361>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SILVA, T. F. et al. Características e especificidades da Metodologia de Análise de Redes Sociais. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e46510313622, 22 mar. 2021.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.